

educação

CURSOS QUALIFICAM CIRURGIÕES-DENTISTAS PARA ATUAR NA ATENÇÃO INTEGRAL AO PACIENTE ONCOLÓGICO

De boca em boca

O cuidado ao paciente com câncer da cavidade oral, o sétimo mais incidente na população brasileira (sem considerar o câncer de pele não melanoma), de acordo com o INCA, já é um bom indicativo da importância do cirurgião-dentista em uma instituição oncológica, bem como de seus desafios – apenas para 2017, estão previstos cerca de 15 mil casos novos da doença no País. No entanto, a atuação desse profissional vai além. Também cabe ao cirurgião-dentista acompanhar doentes com outras neoplasias e que apresentem complicações bucais decorrentes da quimioterapia

ou da radioterapia. Extrações e implantes para sustentação de próteses bucomaxilofaciais estão entre as possibilidades terapêuticas.

A cavidade oral é um dos locais do corpo com maior número de micro-organismos patogênicos. Por causa da baixa da imunidade decorrente do tratamento oncológico, é porta de entrada para inúmeras infecções, que podem ser fúngicas (candidíase), bacterianas (estomatite) ou virais (herpes), locais ou generalizadas. Além disso, a maior sensibilidade das mucosas orais pode ocasionar mucosite, inflamação da parte interna da boca e da garganta.



Outros problemas que podem surgir com o tratamento do câncer são osteonecrose dos maxilares (morte celular dos ossos), trismo (dificuldade para abrir a boca) e xerostomia (boca seca). A redução do fluxo salivar – e, conseqüentemente, de suas funções protetoras – pode ocasionar uma rápida evolução das cáries até a destruição dos dentes – as chamadas cáries de radiação.

Pacientes com tumores de cabeça e pescoço submetidos a radioterapia, quimioterapia ou cirurgia devem ser acompanhados por um cirurgião-dentista antes, durante e após o tratamento, pois frequentemente há sequelas, de maior ou menor grau, na cavidade da boca. A radioterapia e, dependendo do estadiamento do tumor, a cirurgia podem provocar danos, até mesmo irreversíveis. Por isso, a presença desse profissional na equipe multidisciplinar é imprescindível, a fim de proporcionar melhor qualidade de vida ao paciente.

Por meio de uma avaliação clínica e radiográfica, o cirurgião-dentista identifica se existem lesões ósseas, alterações e tumores secundários, adequando a cavidade bucal aos efeitos do tratamento. Em muitas situações, são adotadas condutas pontuais, como preservação ou remoção de dentes.

Os primeiros procedimentos incluem extração dental e tratamento de cáries, canal e doença periodontal (inflamação que afeta desde a gengiva até o osso que envolve e suporta o dente). Outras medidas clínicas simples são higiene bucal e controle do biofilme dental (placa bacteriana). Já a laserterapia auxilia

“Os cursos de graduação contemplam outras doenças bucais e não estendem o conhecimento à área oncológica. Com isso, o cirurgião-dentista tem uma visão fragmentada da sua atuação profissional”

FERNANDO LIMA, cirurgião-dentista e mestre em Saúde Pública da coordenação do Programa de Residência Multiprofissional em Oncologia do INCA

na prevenção e no tratamento de lesões orais, entre elas mucosites, úlceras traumáticas e aftas.

Após o tratamento oncológico, é possível que a remoção do tumor cause deformidades dentárias ou faciais. O cirurgião-dentista especializado em próteses bucomaxilofaciais convencionais e implantes-suportadas (implantes) pode amenizar essa seqüela, promovendo a reabilitação oral do paciente.

As próteses obturadoras restituem a estrutura bucal, o palato mole e o palato duro. O uso de resinas acrílicas e estruturas metálicas estabiliza as próteses na estrutura dental remanescente. Existem ainda próteses oculares, de nariz e de orelha, todas removíveis, o que permite a limpeza e investigação da área, no caso de recidiva.

Como o cuidado integral ao paciente também envolve o período pós-tratamento, o cirurgião-dentista deve estar atento, entre outras questões, a possíveis complicações tardias. Trismo, osteonecrose, cárie e xerostomia são algumas delas.

GARGALO NA GRADUAÇÃO

Apesar de sua relevância na equipe multidisciplinar de uma instituição de oncologia, o cirurgião-dentista que deseja ampliar seus conhecimentos sobre câncer encontra algumas barreiras. A primeira surge na própria faculdade. “Os cursos de graduação contemplam outras doenças bucais e não estendem o conhecimento à área oncológica. Com isso, o cirurgião-dentista tem uma visão fragmentada da sua atuação profissional”, avalia o cirurgião-dentista Fernando Lima, mestre em Saúde Pública da coordenação do Programa de Residência Multiprofissional em Oncologia do INCA.

Outro obstáculo é a ausência da oncologia entre as 23 especialidades reconhecidas pelo Conselho Federal de Odontologia (CFO), embora essa seja uma das áreas prioritárias do Sistema Único de Saúde (SUS). Isso faz com que os cursos de pós-graduação na área não tenham a chancela da entidade, ainda que sejam reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC).

A cirurgiã-dentista Tainá Duarte Meinicke Farias sentiu na pele essas dificuldades. Aluna da primeira turma da Residência Multiprofissional do INCA, em 2010 – na qual ingressou depois de concluir uma especialização em estomatologia –, ela não pode se apresentar como cirurgiã-dentista especializada em oncologia, devido à falta de reconhecimento do CFO. A solução foi destacar sua experiência no atendimento a pacientes de câncer, fruto da formação no INCA.

Tainá conta que o curso a habilitou a acompanhar o doente antes, durante e depois do tratamento

oncológico. “Na graduação em Odontologia não existe o conhecimento que se adquire na residência do INCA”, afirma a cirurgiã-dentista, que hoje trabalha na coordenação do curso. Ela também atua no Centro de Especialidades Odontológicas, de Itaguaí (RJ), onde faz o diagnóstico de lesões bucais, incluindo o câncer de boca.

DENTRO E FORA DE SALA

As residências multiprofissionais são uma boa opção para profissionais que desejam se qualificar para trabalhar com pacientes com câncer. Embora não sejam voltados apenas a cirurgiões-dentistas, os cursos têm módulos específicos de odontologia.

De acordo com Fernando Lima, o plano de curso (disciplinas e conteúdos) da Residência Multiprofissional do INCA foi reestruturado. Com isso, depois de dois anos sem matrículas para alunos de Odontologia, houve oferta de duas vagas para 2018 (as inscrições são feitas no segundo semestre do ano anterior).

Outra boa fonte de informação sobre câncer, no Instituto, são as visitas técnicas à Seção de Estômato-Odontologia e Prótese. Os encontros se destinam a profissionais graduados, preferencialmente na rede pública, e têm duração máxima de duas semanas consecutivas, com carga horária de 40 horas.

José Roberto de Menezes Pontes, chefe da seção e professor da Residência Multiprofissional do INCA, explica que os visitantes têm a oportunidade de conhecer, na prática, como é o dia a dia do cirurgião-dentista em uma instituição oncológica. “Eles acompanham diagnósticos, as cirurgias [biópsias] e outros tratamentos, mas não manipulam o paciente”, ressalta.

Para quem busca conhecimento mais específico sobre prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças bucais ou sistêmicas (de todo o corpo) que se manifestem na cavidade bucal, Pontes indica pós-graduações (*lato sensu* e *stricto sensu*) em Estomatologia, especialidade odontológica reconhecida pelo CFO. No Rio de Janeiro, as universidades do Estado (UERJ) e Federal (UFRJ), públicas, e algumas instituições particulares oferecem cursos na modalidade *lato sensu*.

OPÇÕES NO SUDESTE E NORDESTE

Em São Paulo, o A.C. Camargo Cancer Center é uma das instituições com vagas para Odontologia em sua residência multiprofissional. No curso, o cirurgião-dentista participa do atendimento odontológico

aos pacientes da instituição, além de aprender a controlar os efeitos colaterais do tratamento e a diagnosticar as doenças da boca.

Já o Hospital Sírio-Libanês, por meio de seu Instituto de Ensino e Pesquisa (IEP), oferece quatro programas de residência multiprofissional, sendo um deles exclusivo ao câncer, chamado Cuidado ao Paciente Oncológico. Segundo a coordenadora, Débora Faustino de Carvalho, o profissional que ingressar na residência da instituição será qualificado para uma assistência integral e humanizada. “A complexidade do tema exige que o profissional esteja atualizado com as diretrizes e bases do tratamento”, ressalta.

O IEP oferece ainda o Curso Continuado de Odontologia para Pacientes Oncológicos, de extensão. Nele, acadêmicos no último ano de Odontologia e cirurgiões-dentistas têm a oportunidade de rever sua prática e conhecer inovações aplicáveis em saúde odontológica. Este ano foi realizada a terceira edição, com aulas de maio a setembro, divididas em cinco módulos. O Sírio-Libanês já confirmou a quarta edição, para 2018, mas ainda não há informações sobre datas de inscrição e início das aulas.

No Hospital Israelita Albert Einstein, cirurgiões-dentistas que planejem uma carreira fora do consultório convencional podem estudar no Curso de Pós-Graduação em Odontologia Hospitalar. Embora não seja específica sobre tratamento de câncer, a capacitação conta com uma disciplina a respeito da atuação odontológica em oncologia, hematologia e transplante de medula óssea. De acordo com a instituição, o curso tem como diferencial promover uma visão integrada entre a odontologia e a medicina.

Para atualização profissional, estudantes e cirurgiões-dentistas, com ou sem experiência no

“Na graduação em Odontologia não existe o conhecimento que se adquire na residência do INCA”

TAINÁ DUARTE MEINICKE FARIAS,
cirurgiã-dentista e aluna da primeira turma da
Residência Multiprofissional do INCA

“A complexidade do tema exige que o profissional esteja atualizado com as diretrizes e bases do tratamento”

DÉBORA FAUSTINO DE CARVALHO,
coordenadora do Programa de Residência Multiprofissional no Cuidado ao Paciente Oncológico do Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital Sírio-Libanês

âmbito hospitalar, têm à disposição, também no Albert Einstein, o curso Odontologia em Pacientes Onco-Hematológicos. Ministradas por médicos e cirurgiões-dentistas do serviço de Onco-Hematologia do hospital, as aulas abordam, entre outros temas, distúrbios de coagulação, anemias e efeitos da quimioterapia e da radioterapia na mucosa oral.

Outra opção no Estado de São Paulo é no Hospital de Câncer de Barretos. Graduados podem concorrer às quatro vagas para Odontologia na

Residência Multiprofissional em Atenção ao Câncer ou se inscrever na Visita Observacional, módulo de aprendizagem no qual o visitante acompanha as rotinas de trabalho de um preceptor. Esse programa, que pode durar de uma semana a um mês, também é aberto a estudantes de Odontologia (entre outras sete categorias dos departamentos multiprofissionais da instituição) e residentes.

Já no Nordeste, o Hospital de Câncer de Pernambuco (HCP), em Recife, possui uma residência exclusiva para cirurgiões-dentistas. São duas vagas.

SEM PAREDES

Pós-graduações a distância também são uma alternativa de aprendizagem. Com 11 anos de tradição, a Faculdade Unyleya, de Brasília, tem entre seus cursos a Pós-Graduação EAD em Câncer Bucal. Durante 10 meses (420 horas), os graduados em Odontologia se aprofundam em temas como diagnóstico e epidemiologia do câncer bucal. Embora as aulas sejam 100% online, o aluno tem que comparecer a um encontro presencial para fazer a prova final e apresentar o trabalho de conclusão (TCC). O curso é autorizado pela Portaria nº 1.663/2006 do MEC. ■

CAPACITAÇÃO VISA À DETECÇÃO PRECOCE

A carência de profissionais de odontologia habilitados para o diagnóstico do câncer em fase inicial chamou a atenção da Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede do INCA. Em um fórum realizado em 2016, com docentes de patologia oral e estomatologia do Rio de Janeiro, ficou constatada a dificuldade dos profissionais das unidades básicas de saúde em identificar precocemente lesões bucais.

A parceria com os professores culminou, em julho último, na capacitação de 40 cirurgiões-dentistas da Atenção Básica do estado, que foram treinados para suspeitar de pequenas alterações na boca do paciente. De acordo com Caroline Ribeiro, tecnóloga da divisão, inicialmente foram escolhidos os municípios com maiores taxas de mortalidade por câncer de boca. “Queremos que esses profissionais possam fazer uma capacitação presencial, que ensina como fazer uma biópsia para diagnóstico do câncer”, explica a tecnóloga. Uma nova turma, com 40 alunos da Atenção Básica do município do Rio, já foi iniciada, e outras serão abertas, a fim de contemplar todo o estado. Também há projeto para criar um curso de educação a distância.

Segundo Caroline, mais de 70% dos casos de câncer que chegam aos hospitais do SUS para tratamento de câncer de boca apresentam estadiamento avançado. “Quanto mais cedo o tumor for diagnosticado e tratado, melhor a qualidade de vida e a sobrevida do paciente”, argumenta.

O coordenador do Serviço de Medicina Bucal do Hospital Sírio-Libanês, Eduardo Fregnani, ressalta que o cirurgião-dentista está habilitado a fazer o diagnóstico e acompanhamento do paciente oncológico, mas o tratamento de tumores malignos por meio de cirurgia, quimioterapia e radioterapia cabe ao cirurgião de cabeça e pescoço, ao oncologista clínico e ao radioterapeuta.